

## Estórias de narrador

Flávia Cristina Bandeca Biazetto (FFLCH)<sup>1</sup>

### RESUMO:

*Este trabalho objetiva estabelecer uma análise comparativa entre os contos “Marcelina”, do angolano Luandino Vieira, publicado no livro A cidade e a infância (1985) e “Mariazinha Tiro a Esmo”, do brasileiro João Antônio, do livro Malhação do Judas carioca (1976). As obras selecionadas, para a realização deste estudo, têm em suas temáticas um ponto convergente: colocam no centro de suas narrativas histórias de personagens que ficam às margens da sociedade, dando-lhes voz como uma forma de visibilizá-las. Para a realização desta comparação, foi selecionado um elemento estrutural da narrativa para ser enfocado: o narrador. A proposta é explanar o papel do narrador em tais textos, enfatizando a maneira como este componente narrativo apresenta e se relaciona com as protagonistas e as situações por elas representadas.*

**Palavras-chave:** Estudos Comparados, Luandino Vieira, João Antônio, narrador.

Este trabalho objetiva fazer uma análise comparativa entre os contos **Marcelina**<sup>2</sup> de Luandino Vieira, e **Mariazinha Tiro a Esmo**<sup>3</sup>, de João Antônio. A intenção é explanar o papel do narrador em tais textos, enfatizando como ele apresenta e se relaciona com as protagonistas e as situações por elas representadas. Os contos estudados se aproximam pela temática que destaca duas jovens que vivem no universo da malandragem. Entretanto, se divergem pelos recursos e os sentidos sucintados pela narração.

Percorrendo teorias sobre a importância do narrador tradicional, encontramos as de Walter Benjamin, que mostram que este elemento estrutural de uma narrativa não só tem algo a contar a seus leitores, como também coloca em suas histórias uma “*dimensão utilitária*”. Benjamin diz que esta utilidade “pode consistir seja em um ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida”.<sup>4</sup> Tendo isso em vista, acreditamos que o narrador presente nos textos selecionados expressa a sua “*dimensão utilitária*” não por meio de um “conselho” tradicional, mas com a finalidade de conscientizar os leitores a respeito de uma situação escamoteada pela sociedade.

À luz desse pensamento de Benjamin, podemos estabelecer uma aproximação entre uma das possíveis funções do narrador tradicional, a de explicitar uma norma de vida, e o papel do narrador engajado, o de ilustrar por meio de sua narrativa a necessidade de seus interlocutores de adotarem uma conduta ética em prol da coletividade e dar instrumentos que permitam aos leitores se conscientizarem do processo histórico-social, em que estão inseridos.

Detendo-nos no conto **Mariazinha Tiro a Esmo**, uma narrativa em terceira pessoa que conta a história da protagonista, cujo nome é o mesmo do conto. O enredo se desenvolve por meio de um movimento circular que inicia no presente da vida de Mariazinha, vai ao passado e retorna ao ponto inicial.

Apresentação de Mariazinha nos é da seguinte forma: “*Branca, ainda assim, Mariazinha de Tiro a Esmo é uma peça*”.<sup>5</sup> Logo, nessa primeira sentença o narrador evidencia o fato de que a marginalidade pode atingir a todos, independente de raça ou origem; destruindo possíveis idéias pré-estabelecidas sobre o universo da malandragem.

<sup>1</sup> Mestranda da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa

<sup>2</sup> *IN: A cidade e a infância*. Luanda: UEA, 1985.

<sup>3</sup> *IN: Malhação do Judas carioca*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1976.

<sup>4</sup> Idem 6 p. 200

<sup>5</sup> Idem 9, p.5

O diminutivo do nome da personagem permite associarmos a uma simpatia do narrador e simultaneamente antecipa o destino sem rumo de Mariazinha, ao caracterizá-la **Tiro a Esmo**. O narrador constroí a imagem da protagonista, ao longo da narrativa, por meio de um jogo de contradições, visto que ora a descreve destacando sua meninice, ora sua maturidade precoce, tanto em um aspecto físico quanto psicológico:

“ (...) parece ter dezenove anos. Tem quatorze e pouquinho só. O rosto, quando ela se abandona de suas trampolinagens na faina malandra, é suave. Mas é agressivo, burlão quase sempre. Os cabelos andam na moda, escorridos, longos, matizados de sol e sem tintura. Os cílios enorme, sem postiços. Alguns dentes podres, é o ponto fraco”<sup>6</sup>.

Sobre sua família, é narrado que seu pai, ferroviário português e alcoólatra, tratava-a com violência e a seduziu. Já sua mãe era prostituta e pouco presente na vida de Maria. Sem muita opção, a protagonista sai de casa e começa a se virar “só ou acompanhada na marginalidade”.

Rastreando as falas do narrador, percebemos um ambiente hostil tanto da metrópole quanto familiar. Em trechos em que a agressividade da cidade aumenta, o narrador cala-se e dá voz a protagonista, que parece estar fundida com o espaço e sua marginalidade. Desta forma, é a própria Mariazinha que nos conta o primeiro crime que presenciou ou narra quando passava fome. Nestas passagens, a protagonista fala diretamente com os leitores: “Tive escola, bicho. A tua acho que foi moleza, não?”<sup>7</sup>.

As falas da personagem são diretas e duras. Podemos entender esta característica como uma consequência do ambiente e das circunstâncias em que Mariazinha Tiro a Esmo sobrevive. Quando chama a atenção do leitor, diretamente, seu discurso ganha um tom de agressividade; até podemos entendê-lo como reivindicatório. Ao colocar Mariazinha no centro da narrativa não como objeto mas como sujeito das circunstâncias, o narrador dá voz e visibilidade à personagem.

À luz das observações de Antônio Candido, no prefácio do livro Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio:

“ Uma das coisas mais importantes da ficção literária é a possibilidade de ‘dar voz’, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor da sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada. Isso é possível quando o escritor, como João Antônio, sabe esposar a intimidade, a essência daqueles que a sociedade marginaliza, pois ele faz com que existam, acima de sua triste realidade”<sup>8</sup>.

João Antônio não só mostra a existência e a humanidade dos marginalizados, como também ameniza a distância social em que a classe representada é posta. Isso fica evidente pela maneira em que os discursos do narrador e da protagonista se fundem. A linguagem uniformizada pode ser entendida para além da aproximação com a oralidade, ou com o estilo próprio dos marginalizados de falarem. Pode-se interpretá-la como uma aproximação maior entre o sujeito descrito - os malandros e marginalizados - e o narrador.

Já no conto **Marcelina**, há um narrador, que vive a situação descrita como um personagem secundário. Ele nos narra da mesma posição que está a protagonista, Marcelina. Sob este aspecto, percebemos a intenção de se igualar à personagem principal.

Nesta história, o narrador nos relata sobre uma noite que sai para dançar e beber - possivelmente em um prostíbulo - quando se depara com uma criança em um quarto. A menina é filha de Marcelina, uma prostituta. Tal episódio faz o narrador refletir de forma crítica sobre a situação ali vivida.

---

<sup>6</sup> Idem, p. 6

<sup>7</sup> Idem, p.7

<sup>8</sup> ANTÔNIO, João. Malagueta, Perus e Bacanaço. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p.11

É interessante perceber que o conto se inicia na rua e à medida que o narrador adentra no espaço, ele vai se conscientizando da vida dura e humilhante das pessoas, que ali freqüentam. A marginalização social atinge a todos como comprova as passagens abaixo:

“Homens que trabalhavam toda a semana na Baixa e que ao sábado gastavam todo o dinheiro nas lojas dos brancos, em vinho e cigarros. Gastando-se numa vida sem perspectivas, sem janelas abertas. Mas era o único divertimento acessível”.<sup>9</sup>

A cena inicial da narrativa é uma briga de mulheres, em meio a confusão, a única personagem que o narrador chama pelo nome é Marcelina. Ao longo da narração, ele sempre se refere a ela pelo nome, deixando-nos a entender que ela não era apenas mais uma mulher naquela noite, destacando, assim, sua relevância.

Percorrendo os caminhos interpretativos sugeridos por esta análise, podemos atribuir à personagem principal o processo de conscientização em que o narrador passa, pois ao ver a criança no quarto da mãe-prostituta, o narrador começa a analisar a situação vivenciada por ele, sempre contrapondo a vida de Marcelina, com a falta de expectativa da criança. À medida que toma consciência das explorações que todos ali sofrem, parece que sua simpatia pela protagonista aumenta, pois ele passa a chamá-la de Lina.

Somada à maneira carinhosa de tratá-la, o narrador age de forma diferente dos outros homens, pois deixa a entender que perde o desejo por Marcelina e aumenta a ternura:

“(...) Beijei-a na testa. Disse-lhe depois, com os olhos molhados pousados no arame da roupa, pendurado na mulemba, para ela os não ver”.<sup>10</sup>

A atitude do narrador de rejeitar Marcelina sexualmente vai contra a expectativa que a narração cria, já que fica evidente seu interesse pela personagem. Ele a descreve, mostrando contrastes: “Os olhos dela estavam velhos. Velhos como não era o corpo”.<sup>11</sup>

Os olhos não só mostram ao narrador as amarguras da vida de Marcelina, como também são eles que impedem as pessoas de tomar consciência da situação de marginalização, vivida pelos personagens deste conto: “*As mandioqueiras punham sombras escuras no terreiro e nos olhos(...)*”<sup>12</sup>.

No ambiente descritos todos têm voz na narração, seja pelos diálogos, ou pela gritaria, ou canções que o narrador descreve. Sobre este aspecto, podemos dizer que existe uma espécie de “democratização” neste conto. É possível interpretar que esta posição do narrador está ligada ao próprio processo de conscientização social presente no texto.

Nos diálogos estabelecidos entre o narrador e a protagonista, somos informados da família de Marcelina: pai branco que mora na Baixa e honesto. Todavia, nada nos é dito a respeito da mãe, porém, podemos deduzir que se tratava de uma mulher negra. Temos, desta forma, há representação de uma típica situação colonial: colonos que tinham filhos com negras e não os assumiam.

Marcelina diz ao narrador que sua situação é fruto da omissão de seu pai, ou podemos interpretar do próprio sistema colonial, representado por ele. “Não tenho culpa. Não fui eu que quis isto. O meu pai é branco, podia ter-me ajudado. Podia ter evitado”<sup>13</sup>.

Depois desta breve exposição de idéias centrais que estão inseridas nas obras estudadas, podemos aproximar a maneira como os narradores descrevem as protagonistas, por meio de um jogo de contradição: por um lado belas e jovens; por outro, envelhecidas pela vida dura e miserável que têm.

---

<sup>9</sup> VIEIRA, Luandino, *A cidade e a infância*. Luanda: UEA, 1985.p.132

<sup>10</sup> idem p.135

<sup>11</sup> idem p.133

<sup>12</sup> idem p.131

<sup>13</sup> idem p.135

Além disso, percebemos que as personagens são descritas como um prolongamento do espaço. No caso de Marcelina, ela está em harmonia com o local. Enquanto que Mariazinha Tiro a Esmo é “uma peça” do universo da malandragem, mantendo com a cidade uma relação dúbia de inimizade e de cumplicidade, pois é nos seus becos e favelas que ela se esconde e busca a garantia de continuar viva.

Notamos uma tentativa dos narradores de dar visibilidade a situação de exclusão social das protagonistas, mas a maneira como o fazem é distinta. Enquanto João Antônio cria um narrador que se apropria de seus conhecimentos para conscientizar os leitores e que se iguala à protagonista por meio da fusão da linguagem, dando-lhe espaço e uma dimensão mais humanitária. Luandino compõe um narrador que realmente vive entre os marginalizados, mas a conscientização de tal situação é feita simultaneamente a dos leitores. A maneira de se igualar com a protagonista também é diferente, pois isso não é feito pela linguagem, mas sim pelos diálogos estabelecidos com ela.

Seguindo a proposta interpretativa deste trabalho, percebemos que, no conto **Mariazinha Tiro a Esmo**, o narrador inicia o conto descrevendo a protagonista e no final dá voz a ela, que expressa o seu desejo de mudar de vida e nos dá indícios de que não acredita em uma saída para sua situação. Ao terminar a narrativa com a visão da própria personagem, o narrador transfere para mesma a conclusão da falta de expectativas. Entretanto, é possível inferir que ele concorda com esta visão, pois todas as informações sobre o passado de Maria ratificam que a personagem estava fadada a ser uma marginalizada.

Já em **Marcelina**, o narrador começa a descrever o espaço, depois se centra em Marcelina e nas reflexões que ela lhe provoca. Depois, ele a aconselha a se casar e por fim, ele termina junto com os amigos, cantando e batucando como forma de protesto contra aquela situação. Aqui, o narrador acredita em uma saída, pois chega a verbalizar para Marcelina. Isso prova que além da consciência das circunstâncias, ele tem uma percepção que algo deve ser feito para transformar o quadro social em que vivem.

A linguagem das protagonistas reforçam as idéias sugeridas pelos textos em relação à marginalidade. Maria é agressiva e fala sem esperança. Além disso, parece ter ódio da mãe, que representa seu passado/história:

“Acho que parecia com a minha mãe. Eu gostei de ver a morte da dona, sabe? Uma boa vaca, que nem minha mãe”<sup>14</sup>.

Sobre este aspecto, podemos interpretar que a aversão de Mariazinha pela mãe e, conseqüentemente, por sua própria história, vai ao encontro da idéia do narrador de que o passado da protagonista já é um fator que a levou para marginalidade. A incapacidade de superar traumas ou romper ciclos situacionais que nos desagradam foi considerado por Freud um dos traços presentes em seus pacientes melancólicos

A melancolia se caracteriza psiquicamente por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de auto estima<sup>15</sup>.

Assim, podemos inferir que o narrador de João Antônio cria uma atmosfera melancólica ao texto, ao compor um quadro em que Mariazinha perde o interesse e as expectativas diante da sociedade que a cerca. Para a protagonista, parece ser impossível superar seu passado, o que provoca-lhe um certa agressividade em relação à realidade e uma descrença na capacidade de amar, explicitada pela repulsa à sua mãe e à afetividade que a mesma representa.

---

<sup>14</sup> JOÃO ANTÔNIO, *Malhação do Judas carioca*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1976.p.7

<sup>15</sup> **Luto e melancolia**. In: *Revista Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, 32, 128-142,1992.p. 131

Em contraposição, quando pensamos na forma como de Marcelina se expressa por meio da oração: *“Eu posso deixar isto”*<sup>16</sup>. É nítida a esperança da personagem que, aparentemente, caminha para atingir tal ideal, ou seja, sair da vida de prostituição. Mais uma vez, percebe-se que a visão do narrador diante daquele quadro de exclusão é reforçada pelas palavras da própria Marcelina.

Tendo esta passagem do conto em vista, podemos relacioná-la com os pensamento de Ernst Bloch sobre a utopia. Segundo este teórico, o conceito citado está inserido em uma tensão ontológica entre o “ser” e o “ainda-não-ser”, mostrando que “ser” se encontra em um processo inacabado e sempre busca um “modo de possibilidade para frente”. A definição blochiana de “ser” destaca a potencialidade imanente aos sujeitos. Para Bloch, tudo no mundo encontra-se em constante transformação. Os seres humanos não atingiram a sua potencialidade máxima, o que os impulsiona a buscar o que lhes falta. Tendo esta breve explicação sobre a obra de Bloch em vista, podemos afirmar que para este teórico a permanência da utopia reside na hipótese de um mundo inacabado.

Na narrativa, aqui analisada de Luandino Vieira, o narrador percebe na menina loira, filha de Marcelina, a possibilidade de uma continuidade e do inacabamento da situação vivida. Em seu desfecho, a criança aponta para uma possível superação da exploração dos musseques, simbolizando uma meta ou um sonho a ser alcançado. O nascimento da esperança de que possa haver uma outra forma de estar e de agir diante da situação histórico-social surge concomitantemente ao final de um ciclo de aceitação e submissão, simbolizados pela noite na taberna que se finda em uma madrugada.

Nos contos, aqui estudados, os narradores mostram uma situação desprezada por nós, leitores: a vida de quem vive às margens da norma social. Contudo, os textos são articulados de uma forma que possibilitam mapear a postura de quem nos narra em relação a esta realidade periférica. Enquanto o narrador de João Antônio constrói uma atmosfera melancólica e sem expectativas que emana da violência cidadina; Luandino Viera descreve uma situação em que a utópia e a esperança se misturam com os gritos de protesto e dor dos personagens do musseque.

## **Bibliografia:**

- [1] ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: ED. Duas cidades; Ed. 34, 2003.
- [2] BENJAMIN, Walter. **O narrador**. IN: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e ensaios da cultura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- [3] BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EDUERJ/contraponto, 2005.
- [4] ..... CANDID  
O, Antônio. **Na noite enxovalhada**. IN: JOÃO ANTÔNIO: Malagueta, Perus e Bacanaço. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- [5] .....  
..... **Dialética da malandragem**. IN: O discurso e a cidade. São Paulo: Duas cidades, 1995
- [6] CHAVES, Rita. **José Luandino Vieira: consciência nacional e desassossego**. In: Revista LET; São Paulo, 40: 77-98: 2000.
- [7] ..... CHIAPPI  
NI, Ligia, **O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ed. Ática, s/d.
- [8] .....; DIMA, Antônio e ZILLY, Berthold(orgs). **Brasil, país do passado?** São Paulo: Edusp, Boitempo, 2000.

---

<sup>16</sup> VIEIRA, Luandino, A cidade e a infância. Luanda: UEA, 1985.p.134.

- [9] FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. In: *Revista Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, 32, 128-142, 1992.
- [10] JOÃO ANTÔNIO. **Malhação do Judas carioca**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.
- [11] LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: um aviso de incêndio**. Uma leitura das teses: “sobre o conceito de história”. São Paulo: boitempo editorial, 2005.
- [12] VIEIRA, Luandino. **A cidade e a infância**. Luanda: UEA, 1985.
- [13] Sites : <http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/jantonio.htm> , acessado em 19 de julho de 2006.